



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

VINÍCIUS RUAS FERREIRA DA SILVA

(depoimento)

2004

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-65

Entrevistado: Vinícius Ruas Ferreira da Silva

Nascimento: Não informado

Local da entrevista: Niterói/RJ

Entrevistadores: Leon Kaminski e Karine Dalsin

Data da entrevista: 04/06/2004

Transcrição: Letícia Baldasso Moraes

Conferência Fidelidade: Marco de Carvalho

Copidesque: Marco de Carvalho

Pesquisa: Marco de Carvalho

Fitas: (01 fita) 65/01-A

Total de gravação: 25 minutos

Páginas Digitadas: 7

Catálogo: Vera Maria Sperandio Rangel

Número de registro: 02127/2010/01

Nº da fita: 02127/2010/01

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo.

SILVA, Vinícius Ruas Ferreira da. *Vinícius da Silva (depoimento, 2004)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2010.

Sumário

Relato sobre a sua vivência e experiência na área da educação física; criação e envolvimento com a UNEEF; envolvimento com a UFRJ: professores importantes na Escola; participação na UNE; realização de congressos, encontros de educação física; identidade do profissional de educação física; ditadura militar.

Niterói, 4 de junho de 2004. Entrevista com Vinicius Ruas, a cargo dos entrevistadores Leon Kaminski e Karine Dalsin para o projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

L.K. – Então professor, como foi a fundação da UNEEF¹? Atividades políticas da UNEEF e a relação com o diretório acadêmico da educação física da UFRGS²?

V.S. – Em 1956 nós fundamos a União Nacional dos Estudantes de Educação Física. A única oportunidade que os estudantes de educação física tinham naquela época, em que todos ficavam reunidos, era o congresso da UNE, União Nacional dos Estudantes. E eu era naquela época, candidato à vice-presidência da UNE, mas todos os estudantes se reuniram e disseram: “Nós vamos fazer uma reunião com todos os alunos das escolas de educação física do Brasil”. Então, nós tínhamos lá a Escola de Educação Física de São Paulo, do Rio Grande do Sul, do Paraná, Rio de Janeiro³. Nós tínhamos grandes chances de [palavra inaudível] sindicato, inclusive para a vice-presidência da UNE. Eu não gostava de atrapalhar talvez um pouco. Nós estávamos direto ao central dos estudantes, estávamos fazendo um trabalho muito bom no Rio de Janeiro. Tínhamos contatos em Minas⁴ também. E esses contatos todos... Lógico que não posso me lembrar do nome de todos, mas tenho na ata da UNEEF. Inclusive, fizemos o primeiro congresso de estudantes de educação física, precedeu os ENEEF's⁵. A UNE morreu quando eu fui para o exílio. Eu fui exilado político. Nesse momento em que eu precisava de um apoio, eles iam trocando de presidente. O último presidente foi o Thiago de Melo. Não o poeta, o irmão do poeta. O Thiago de Melo foi o último presidente da UNEEF, União dos Estudantes de Educação Física. Nós tínhamos uma concepção na educação física que... A grande questão da educação física seria a consciência política do homem no centro da sociedade brasileira. “Para que servia a educação física?”, “O que era a educação física?”. Então, nós tínhamos que começar a discutir isso. Nós tínhamos os projetos por tudo, muito violentos naquela época. Eram uns decretos que existiam naquela época. Não existia mais a questão do ‘getulismo’, mas ainda existia os decretos. Decreto 1.054, por exemplo, era um decreto terrível. Eles davam aos técnicos e atletas de futebol o mesmo título que nós recebíamos nas universidades. Isso aí nos causou um desafio

¹ União Nacional dos Estudantes de Educação Física

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul

³ Estados Brasileiros

⁴ Estado de Minas Gerais

muito grande e nós fomos à luta: “Então, vamos fazer o primeiro congresso de educação física!”. Foi combinado, fundamos a União Nacional dos Estudantes de Educação Física e eu abri mão de ser o presidente, eles não quiseram isso. Eles quiseram que *eu* fosse o presidente. Então, eu tinha saído de uma greve muito séria, uma greve de quase seis meses, que as nossas Escolas estavam completamente sucateadas, era uma Escola que era uma das coisas mais bonitas, o local era na praia vermelha etc, etc... Então, nós tínhamos uma visão de reformular toda a educação física. Tínhamos a idéia de fazer com que aquela Escola fosse novamente uma Escola padrão. Porque a lei 1.202 dizia que a Escola de Educação Física da UFRJ⁶ deveria ser padrão. *Todas* as outras Escolas teriam que se basear naquela para que depois se desenvolvessem melhor. Bom isso... Essa Escola padrão deixou de ser Escola padrão. Passou para uma Escola muito boa, com professores de alto nível. Tínhamos o professor de história Acioli⁷, nós tínhamos o Inezil Penna Marinho, Camilo Manoel Abud, Alberto Latorre de Faria... *Fora* os outros professores médicos. E, na Escola de Educação Física, nós tínhamos uma coisa muito interessante que existiam os militares, que eram os diretores da Escola de Educação Física. Existia uma infinidade deles e depois o primeiro diretor que foi o professor Latorre de Faria que era o primeiro professor. Porque era primeiro os militares, depois os médicos, depois os professores. O primeiro professor de educação física a ser diretor da Escola foi o professor Alberto Latorre de Faria. Isso fez com que nós tivéssemos... O professor a que me refiro era um grande literário brasileiro, presidente da academia brasileira de letras era o professor João Peregrino⁸ e ele era uma pessoa que tinha vários empregos, várias coisas. Então, ele tinha pouco tempo para a Escola. Ia lá na Escola rápido nos dias que tinha conselho universitário e nós ficávamos sempre sem um professor na Escola. Ele era um médico, além disso literário. Para o nível dele, talvez ele não quisesse nem estar ligado à isso, mas ser um diretor em uma Escola de educação na universidade federal, *universidade nacional*, era uma coisa... Que lá nossa universidade era *do Brasil* antigamente, não era a UFRJ, só existia essa... Tanto é que estão reivindicando agora que ela volte a ser a Universidade do Brasil. Mas isso é uma coisa anacrônica, isso não tem sentido nenhum. É universidade federal e tudo bem, tem que tocar para frente. Então, criou-se a União Nacional de Estudantes e ficou marcado uma

⁵ Encontros Nacionais de Estudantes de Educação Física

⁶ Universidade Federal do Rio de Janeiro

⁷ Nome sujeito à confirmação

⁸ João Peregrino Júnior

reunião com os presidentes dos diretórios do Rio Grande do Sul, São Paulo da USP⁹, de duas Escolas de São Paulo, uma do Paraná, de Minas Gerais, do Rio de Janeiro, de Pernambuco! Tinha uma Escola de *Pernambuco*. Mas, nenhuma delas, era Escola que estava nas universidades. A única ainda era a nossa. E mesmo assim, nós lutamos para que as outras Escolas todas, seus alunos pudessem fazer uma luta para que voltasse a solicitar que fossem integradas à universidade essas Escolas [tosse]. O primeiro congresso foi uma coisa muito bonita na Escola. Nós tivemos o ministro da educação, nós tivemos o Reitor da universidade e vieram muitos alunos, não só estudantes de educação física, não só os diretores e presidentes dos diretórios acadêmicos, mas as delegações das diversas Escolas. Tivemos mais ou menos uns duzentos alunos. Para aquela época era *muito* aluno vindo para cá, por conta e não tinha passagem e nada desse tipo e fizemos uma belíssima apresentação. Foi reivindicado: a recreação, o lazer, esta foi incluída na universidade, a sociologia e a antropologia do movimento humano. Nós tivemos no primeiro congresso e incluímos no repertório do elenco, da disciplina da universidade. Todas essas disciplinas foram incluídas. Porque as ciências humanas e sociais, só tinha o que? Só tinha a história, nem a psicologia. Agora a sociologia, a antropologia, ciências humanas, não tinha nada disso. Então era puramente anatomia, fisiologia e etc... E a ginástica. Quer dizer, educação física andava de muletas. Faltava o outro lado. A interpretação da filosófica e etc... Embora que fosse compensado pelo professor Inezil, pelo professor Latorre, o Acioli, enfim... Então esses professores mais antigos davam uma interpretação à educação física. O congresso foi o melhor congresso que eu vi de educação física de estudantes. Até agora eu não vi nada igual. Porque nós deliberamos, fomos ao ministro e o ministro aceitou a inclusão dos currículos das Escolas, dessas disciplinas. Muito importante para a educação física. Independente dos decretos e essas coisas todas que estavam sendo feitas no recreio e no 1.054. Não se falava ainda na Lei de Diretrizes e Bases da Educação. A coisa ainda estava para ser estudada. Historicamente nós tínhamos o Fernando de Azevedo, se não me falha a memória, e outros. O Fernando de Azevedo é uma figura excepcional. Ele fez a sua tese sobre a poesia da ginástica. Ele fez para dar aula em um curso primário de primeiro grau e segundo grau que... [silêncio] A educação física nacional era uma educação física européia, toda ela. Ela nasce na escola de [palavra inaudível] e o método francês... Nós tivemos uma guerra com os métodos, foi uma coisa fantástica. Existia um método sueco, um método francês, um método calistênico, um método isso, um método aquilo... A

⁹ Universidade de São Paulo

guerra dos métodos confundiu a cabeça. Até hoje nós não temos ainda uma avaliação da educação física. De maneira que foi muito tratado no congresso essa questão. E essa questão que até hoje... No último congresso do CREF¹⁰ que nós tivemos aqui agora, eles trataram a mesma coisa, o mesmo assunto. Como não tem nada a ver umas coisas: desporto ou esporte, desporte... Continuam discutindo sobre esse assunto. Não sabem qual é a realidade. Até que uns professores: “Eu não falo mais em desporto. Só falo em esporte”. Quer dizer, como se aquilo fosse de grande valia para entender, ter consciência da educação física no Brasil [silêncio].

L.K. – Como era a relação entre a UNEEF com a União Nacional dos Estudantes?

V.S. – A UNE nos deu uma guarida muito grande. Eu era membro do Diretório Central dos Estudantes e também da diretoria da União Nacional dos Estudantes. E me perguntaram se eu queria participar da... Já me elegeram presidente da UNEEF e eu preferi ficar somente com a UNEEF. Então, tem muita coisa para fazer. Nos deram uma sala lá na sede da UNE, foi incendiada durante o golpe militar de 1964. O prédio da UNE era ali perto do Flamengo e foi incendiado. A nossa sala, os nossos documentos foram todos queimados. Eu salvei alguma coisa que eu tenho comigo. Algumas relações inclusive eu emprestei para o professor Castelani¹¹. O que se passou, o que se fez na União Nacional dos Estudantes. Provavelmente nós vamos publicar isso tudo. Estará à disposição de todos vocês o que eu tenho guardado. Nessa entrevista que nós estamos aqui eu não posso dar, senão seria uma avalanche de assuntos. Cada gaveta dessas que eu tenho aqui eu tenho uma infinidade de assuntos relativos à educação física da época. Eu colecionei isso tudo. Eu fui na Escola de Educação Física e pedi aos auxiliares de ensino, aos assistentes. Durante essa minha vida, 42 anos e 8 meses lá na Escola de Educação Física, eu tive [palavra inaudível] recolher cópias de todo esse movimento da Escola de Educação Física. As Escolas utilizavam coisas que não tinham nada a ver com a nossa atividade. Não sabíamos o que íamos fazer da vida. Até hoje, o professor de educação física não tem identidade. Agora mesmo me pediram para que eu escrevesse sobre o *objeto* da educação física a FEFISA¹² de São Paulo. E eu fiz um trabalho sobre isso. Vou te mandar também [referindo-se ao entrevistador]. São coisas assim, preliminares. Nada dessa memória profunda. É uma memória histórica. Não deixa de ser

¹⁰ Conselho Regional de Educação Física

¹¹ Lino Castelani Filho

¹² Faculdade de Educação Física de Santo André

científica porque é uma memória histórica. Descobrir nos alfarrábios tudo aquilo que nós... Tudo aquilo que se possa imaginar de educação física eu guardei aqui. É lógico que a gente não vai fazer isso em um dia. A gente precisa ter uma equipe. Ter umas três, quatro pessoas trabalhando, inclusive essa minha biblioteca, está à disposição para isso. Eu espero, agora quando terminar meu livro, colocar a disposição a minha biblioteca para o Ministério da Educação local, para que se possa realmente... Na Escola eu tenho medo, sabe por quê? Porque não tem segurança nenhuma. Por exemplo, nós tínhamos uma biblioteca na Escola de Educação Física da UFRJ onde tinha trabalho do Demeni¹³ com dedicatória dele. Do Demeni, do Hebert¹⁴... Todos eles com dedicatória para a Escola. Um dia eu encontrei... Acabaram com as bibliotecas regionais das Escolas e fizeram uma biblioteca central. Cheguei lá estava tudo dentro dum caixote comido de bixo. Jogaram fora todos pela janela. Depois vou dizer isso. Jogaram os livros da Escola, aqueles livros antigos, beleza de livros. Jogaram pela janela da biblioteca para fazer uma secretaria da Escola. Quer dizer, coisas lindíssimas que nós tínhamos ali.

[INTERRUPÇÃO DE FITA]¹⁵

L.K. – Até que ano durou a União Nacional de Estudantes?

V.S. – Em 1964 ela ainda estava funcionando. Mas ela não tinha uma atividade tão intensa como em 1957, 1958 e 1959. Esses três anos foram muito ativos. Nós tivemos o professor Rolin¹⁶, o professor [palavra inaudível] de Minas, depois tivemos um professor de São Paulo e o último foi o Thiago de Melo. Esses três tiveram uma atividade fantástica. Fizeram congressos também. Agora, não sei de mais nada porque eu era diretor da recreação operária. Outra associação também foi a associação dos antigos alunos, mas que foi extinta pela diretoria da Escola. Estava durante o golpe, durante a ditadura militar, que dizer, foi sumindo aos poucos da rotina, da atividade dos estudantes. E, quando eu cheguei do exílio, eu vi que estavam reunindo os alunos com uma sigla diferente [palavra inaudível]. Então nós tínhamos aquele rapaz da Bahia, que eu tentei encontrar, o Zé Ricardo¹⁷, o Poeira¹⁸, etc... Tinha uma infinidade de outros. Em

¹³ Nome sujeito à confirmação

¹⁴ Nome sujeito à confirmação

¹⁵ Entrevistado vai buscar alguns livros

¹⁶ Nome sujeito à confirmação

¹⁷ Nome sujeito à confirmação

¹⁸ Nome sujeito à confirmação

um desses ENEEF's eu conheci o Castelani, da Paraíba. Depois então lutávamos para que as sociologias e outras... Com professores de fora... Para que a sociologia entrasse na educação física. Me reintegrei na educação física e voltei a minha base de professor na Escola de Educação Física. Eu dava o judô e o boxe, atividades no departamento de... Antigamente era uma caneca. Primeiro existiam as cadeiras, cadeiras de esporte de ataque e defesa. Era nossa e virou depois do departamento. Todas as cadeiras de ginástica, de esportes coletivos, esportes individuais, todos esses diretórios eram cadeiras. Aquele programa que eu te mostrei na educação física.

L.K. – No período antes da ditadura, havia outras entidades de outros cursos como a UNEEF? União de Executivos, União de Estudantes de outros cursos?

V.S. - Tinham os diretórios acadêmicos das Escolas de Educação Física, todos estavam ligados à UNEEF. Mas naturalmente, à medida que iam saindo, eles não passavam para os outros que existia a união. Nós fizemos dois congressos. O primeiro congresso foi esse que eu disse que era o ministro Clóvis Salgado, o ministro da educação e os outros congressos eu não sei, porque não estava aqui. Mas eles se reuniam. Eles eram ligados a esses encontros de educação física. São Paulo mesmo tinha... Pessoal de Santa Catarina era muito ativo nisso. Pessoal do Rio Grande do Sul também participava muito nisso. Mas não tivemos aqui uma difusão maior. Era uma repressão muito grande nos estudantes. Tinha que fazer uma coisa muito violenta em relação à participação dos estudantes. Mas naquele tempo se você não fizesse uma participação desse tipo, não era reconhecido. Porque não tinha uma entidade que fosse *conhecida* no Brasil. Foi conhecida a primeira vez, depois saíram aqueles presidentes que participaram da primeira reunião e depois não passaram para os outros que existia isso. Ela está latente e viva, mas, como se diz assim, ela está parada, sem que ninguém assuma. Ela foi criada e eu tenho todos os... Eu passei todas as atas, tirei as cópias dos primeiros encontros. Daí participei eu, inclusive dos ENEEF's. Eu achei muito bons. Participei de muitos deles. Até a Escola de Educação Física vai ter um grande encontro, um evento nacional, eles ficaram... Nosso ginásio de lutas de estudantes, projeto, o Brasil ficou todo tomado por ele. Instalações, máquinas, exposições, naquela época só tinham dois computadores no projeto. Depois é que nós compramos outros computadores. E agora não tem mais nada. Não tem mais nada no projeto. Mas eles usaram a vontade. Fizeram uma carta muito bonita, agradecendo a nossa participação nesses ENEEF's, na Escola.

L.K. – Qual a relação das entidades de educação física com o esporte universitário na época?

V.S. – É uma imposição. O esporte universitário foi uma imposição, obrigatoriedade do terceiro grau. As entidades de educação, os diretórios acadêmicos, os estudantes naquela época não compartilhavam com essa questão. Achavam que aquilo ali era uma coisa anacrônica que os professores de educação física deveriam vir voluntariamente. Então nós fizemos uma proposta para que a educação física, as moças que fossem para as academias, que se fizesse uma academia nas Escolas de Educação Física. Hoje eu estou vendo que está acontecendo isso lá na Escola. Que isso acontecia de uma forma completamente diferente. Eu mesmo dei esses cursos de terceiro grau, inclusive os esportes, que estavam abertas as portas para uma porção de esportes lá na Escola. Mas nós éramos contra aquilo. Não tem nada a ver o terceiro grau. O terceiro grau deveria ser não oficial assim. É uma questão corporativista. Para nós era muito bom. Porque nós ganhávamos dinheiros como professores de educação física, mas era uma questão incongruente completamente com relação aos estudantes das outras áreas. Todos nós aqui agora, as áreas todas, querem fazer ginástica, mas espontaneamente. Tem aqueles que não podem ou não querem. A sociedade é assim mesmo, é aquilo que deseja. Já é obrigatório primeiro e segundo grau, terceiro grau também é obrigatório. Então nós não tínhamos essa simpatia dessa forma de fazer aula, mas... Também não ganhávamos dinheiro por isso, estender as nossas horas. É interessante porque quem gostava fazia da sua maneira. Era obrigado, tinham normas, tinha aprovado ou reprovado... E tinham pessoas que eram reprovadas por não terem feito educação física. Na engenharia, na medicina, etc. Então tinha alguma coisa que não estava certa.

[FINAL DO DEPOIMENTO]